

PETER BEAUMONT

A vida secreta da guerra

Viagens pelos conflitos modernos

Tradução

José Viegas Filho

Posfácio

Arthur Dapieve

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Peter Beaumont
Copyright do posfácio © 2010 by Arthur Dapieve
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The secret life of war — Journeys through modern conflict

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Célia Euvaldo

Revisão

Camila Saraiva

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beaumont, Peter

A vida secreta da guerra : viagens pelos conflitos modernos /
Peter Beaumont ; tradução José Viegas Filho ; posfácio Arthur
Dapieve. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The secret life of war – Journeys through
modern conflict.

ISBN 978-85-359-1690-4

1. Beaumont, Peter 2. Correspondentes de guerra – Grã Bre-
tanha – Autobiografia 3. Correspondentes estrangeiros – Grã Bre-
tanha – Autobiografia 4. Jornalistas – Grã Bretanha – Autobiografia
I. Dávila, Sérgio. II. Título.

10-04968

CDD-070.4333

Índice para catálogo sistemático:

1. Guerras : Repórteres e reportagens : Jornalismo

070.4333

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Vi depois um Anjo que, de pé no sol, gritou em alta voz a todas as aves que voavam no meio do céu: “Vinde, reuni-vos para o grande banquete de Deus, para comer carnes de reis, carnes de capitães, carnes de poderosos, carnes de cavalos e cavaleiros, carnes de todos os homens, livres e escravos, pequenos e grandes”.

Apocalipse de são João, 19,17-8

Sumário

Introdução	11
1. Mudanças de forma	13
2. Pistas	44
3. Ondas de choque	70
4. Estudos sobre o ódio	100
5. Armas	126
6. Terror	153
7. A ferida contaminada	182
8. O mundo se despedaça	207
9. Terra de ninguém	236
Epílogo	261
Agradecimentos	263
Notas e leituras complementares	267
<i>Posfácio</i>	
Os verdadeiros cães de guerra — Arthur Dapieve	275



Cortesia do autor.

Um grupo de afegãos no teto de um edifício na cidade de Kandahar, logo após a queda do mulá Omar e a fuga do Taleban, em 2001. A foto foi tirada da janela do carro.



Cortesia do autor.

Uma criança palestina, vestida como militante e portando uma arma de brinquedo bastante realista, brinca nas ruas da cidade de Nablus durante as eleições palestinas vencidas pelo Hamas. Dos dois lados do conflito, crianças são encorajadas a se identificar com grupos militares ou milícias.



Cortesia do autor.

Um jovem palestino tenta escalar uma cerca de arame farpado em Rafah, construída pelas forças secretas egípcias depois que o grupo islâmico Hamas tentou quebrar o cerco a Gaza.

1. Mudanças de forma

Em sintonia com o tema bíblico dos quatro cavaleiros do apocalipse, os carros de combate dos soldados [dos Estados Unidos] são chamados de Guerra, Morte, Fome e Peste. “Quer dizer que eu estou viajando com a morte?”, perguntou um motorista de caminhão que eles protegiam.

Associated Press, setembro de 2006

“Conhece o haji?”, perguntou o sargento Garth Sizemore, virando-se para mim. Esse é o nome pejorativo que os soldados americanos usam para referir-se aos iraquianos, convertendo em palavra derogatória o termo respeitoso que qualifica aqueles que já fizeram a peregrinação a Meca. Não gosto do significado dado a esse nome por parte dos soldados americanos, mas não digo nada. Solto apenas um “sim” silencioso e incômodo. “Ele muda as formas — o haji”, diz o sargento. Não se trata de uma pergunta e sim de uma afirmação. Sizemore fala comigo da sua posição de comando, na dianteira do veículo Humvee. Estamos em 2006, fa-

zendo uma patrulha noturna por Adhamiya, praça-forte sunita em Bagdá, próxima ao rio Tigre, com o fim de observar o trabalho das patrulhas e barreiras policiais iraquianas e verificar se as pessoas que andam pelas ruas depois do toque de recolher são efetivamente policiais e não assassinos vinculados aos esquadrões da morte xiitas, à procura de seus vizinhos sunitas. Todos os que estão no veículo sabem que muitas vezes não há diferença nenhuma entre a polícia e os assassinos. Para os soldados é um trabalho aborrecido e perigoso, o de conferir carteiras de identidade e permissões de porte de armas em estradas ameaçadas por poderosas bombas caseiras e atiradores ocultos. Não se trata de um diálogo: Sizemore não pede respostas a nenhum de nós e eu fico assistindo e escutando as suas palavras. Meus joelhos se apertam contra o encosto do seu assento, o osso no metal. A placa frontal do meu colete blindado me incomoda porque comprime a minha bexiga totalmente cheia.

Sizemore continua a falar, apertado ele também entre o transmissor de rádio e os instrumentos que permitem a cada carro do grupo conhecer as posições dos outros veículos americanos espalhados pela zona. Ele busca atenção para as suas palavras, mas eu desconfio que os outros tripulantes já ouviram essa história. “A gente passa a foice no haji no terreno baldio. Não é? Enche ele de bala. E quando a gente vai procurar os corpos, vem um cachorro que pula e foge. Sabe como é?... Não estou brincando, não.” Dá uma risada seca e poeirenta que parece uma tosse. Por detrás dessa história existe uma realidade preocupante para Sizemore, que ele disfarça transformando-a instantaneamente, de acordo com a sua própria mitologia. Há coisas que eu gostaria de lhe perguntar, mas não quero atrapalhar o seu conto de fadas e transformar as suas palavras em uma troca irritada e ríspida de perguntas e respostas.

Já é quase meia-noite e Sizemore fica mais ligado. “Já contei quando a gente estava lutando em Fallujah, em 2004, na Operação Phantom Fury? Há! Estávamos combatendo hajis zumbis.” Fico impressionado com as suas imagens — uma combinação de filme de horror e videogame com um folclore meio antiquado. “Tinha aquele capitão alemão.” Sizemore muda a voz para imitar um sotaque que é muito mais uma síntese de todos os estereótipos de falas de estrangeiros do que alemão. “Merrda. Focê scutô?” Sizemore falava como se fosse Arnold Schwarzenegger encontrando Jean Claude Van Damme, mudando a posição dos ombros para dar mais credibilidade ao papel. “Os hajis estão tomando trogas parra não ficarr com medo. Stamos lutando contrra zombis. Temos que acertarr na capeça.” Uma voz vinda do rádio o interrompe brevemente. É uma cacofonia elétrica de vogais e consoantes misturada com estática que Sizemore parece compreender de alguma maneira.

“Já falei dos gatos zumbis de Fallujah?”, ele perguntou, voltando ao tema alguns minutos depois e olhando para mim com um sorriso, para que eu ficasse esperando um grande final. “Um dia, de noite, a gente estava em uma casa. Né? A gente estava quieto porque estava no meio de um combate. Tudo assusta. Assusta mesmo, porque tudo o que a gente vê com os óculos de visão noturna fica verde. E aí a gente começou a ouvir um barulho do lado de fora.” Sizemore fez uma pausa e de repente deu um grito. “Iaaaau. Iaaaaaaau. Iaaaaau. E eu ficando maluco. Era um gato zumbi”, ele disse rindo.

Eu também ri. Mas no interior do veículo compreendi que ele estava reciclando uma experiência para torná-la mais fácil de expor; reinventando a guerra com a alquimia sutil das palavras. “A gente estava no meio de um combate...” Ele fez outra pausa, lembrando-se da seriedade do momento. “A gente perdeu uns bons companheiros lá”, falou a seguir, com uma sinceridade só-

bria que me surpreendeu no meio de todas as piadas, de repente triste e suave. “Olha só. A gente atirou naquele cara, um rebelde cheio de armas. E o capitão... bem, ele quis voltar para pegar as armas do sujeito no dia seguinte. Então a gente entrou de novo na casa, onde a gente tinha matado ele. Fomos entrando e lá estava ele, com as armas espalhadas em volta do corpo. E lá estavam aqueles três gatos filhos da puta comendo a cara dele. Comendo a cara dele!...” Seguiu-se um longo momento de silêncio para acentuar o drama. “Gatos zumbis”. Sizemore ficou esperando pelas inevitáveis gargalhadas antes de voltar a uma atitude introspectiva, que acentuava o ronco do motor do carro de combate. “Porra. Tem coisas daquela época que eu não vou esquecer nunca.”

Sizemore é um interiorano do Kentucky, sólido, de boa aparência, sempre de óculos, uma pessoa fácil de gostar, mesmo para quem não gosta da guerra que ele luta. Tem o rosto vermelho e suado, sob o calor do capacete e das pesadas placas de blindagem que fazem todos os homens parecerem iguais, como se fossem produzidos em série em uma fábrica. Ele é cuidadoso com os seus soldados, sempre conferindo e reconferindo o que eles fazem, xingando para mantê-los em alerta. Mas aqui não existe nenhuma garantia de segurança quando chega a onda traiçoeira e aleatória que traz a morte e a invalidez. Poucas semanas depois, o próprio Sizemore estava morto, atingido no estômago por um franco-atirador, o primeiro dos treze homens da sua unidade que morreram nessa missão, um grupo que sofreu uma das maiores taxas de mortalidade de toda a guerra. Arrancado da vida aos 31 anos; sua voz insistente silenciada.

De repente, o motorista quase nos joga para o lado, contra um barranco íngreme. Sei que as capotagens, sobretudo nos canais fedorentos do Iraque, causaram a morte de muitos soldados. Olho para fora, através do vidro blindado, tão grosso que distorce as imagens, como uma vigia de barco. Estamos na beira de um

lugar cheio de lixo, e Sizemore começa a gritar, mandando o soldado-motorista prestar mais atenção. Depois, quando o motorista começa a cochilar, ele chama pelo rádio o chefe do comboio para pedir uma parada de segurança — “em algum lugar onde a gente não morra”, ele diz em voz alta — para que o soldado ande um pouco à volta do carro e retorne do mundo da exaustão, cheio de saliva e de sonhos estranhos, no qual eu também estou caindo, sufocado pela noite de verão de Bagdá e pelo excesso de calor do motor e da caixa de câmbio.

Saio do carro, meio morto, na noite que tem uma temperatura de banho quente. Minhas pernas parecem de madeira, pelo aperto da parte de trás do veículo; meus pés estão dormentes de câibras, como se estivessem congelados. Em um único dia, fiz oito horas consecutivas de patrulha nos subúrbios de Bagdá, comprimido na traseira dos Humvees, tratando de voltar ao Iraque depois de uma longa ausência. Em uma viagem com soldados, o ponto de vista do observador passa necessariamente por um filtro. Mas não se trata simplesmente de uma perspectiva determinada pelo fato de sermos americanos em uma terra estrangeira, vistos como instrumentos de uma ocupação. Os seus contornos são descritos por preocupações mais discretas: a soma das histórias de vida e das experiências desses homens. Hoje — acima de tudo — trata-se da perspectiva de Garth Sizemore.

Tento urinar sobre a roda, como os outros, mas estou intoxicado de cansaço. Vejo as coisas com o brilho alaranjado das luzes da rua, o que por si só já é uma raridade nesta cidade onde os cortes de energia são uma constante. Tiro os olhos do nosso carro e acho que vejo um grupo grande de homens uniformizados, sentados em um veículo e observando-nos placidamente a uns cem metros de distância. Fico pensando por que será que os outros não notaram a presença deles e, quando tento vê-los de novo, percebo chocado que eles não estão mais lá. Estou olhando para um

muro de concreto, entrando em uma alucinação causada pela tensão e pelo esgotamento, começando a dormir em pé.

Sei dos zumbis de Sizemore, ou pelo menos da droga a que ele se refere. Conto para ele como a encontrei casualmente uns dois anos antes — um antipsicótico chamado Artane, que também se usa no tratamento do mal de Parkinson. Eu já tinha escutado rumores sobre remédios estranhos que se usam no mundo clandestino da criminalidade iraquiana, onde há gente envolvida com a crescente insurreição. As histórias falavam de uma droga que faz perder o medo e transforma a pessoa em valente. Dizem que os criminosos tomam a droga com chá, ou com álcool, antes de ir para um assalto armado, ou um sequestro, ou um tiroteio.

Meses depois da morte de Garth Sizemore eu vejo uma foto dele na internet, em um dos sites que funcionam como memoriais dos militares americanos mortos. Não existe nenhum memorial para os iraquianos mortos. Nem se sabe quantos são. Estou sentado em meu apartamento em Londres, a missão no Iraque enfim concluída, depois de demasiados perigos iminentes nos últimos seis meses e achando que a minha sorte está acabando. Vejo também as consequências que uma morte violenta no Iraque teve sobre a pessoa que é a mais próxima a mim. Mas acho que, na verdade, não há escapatória. Estou conferindo os fatos que ocorreram no dia em que descobri que Sizemore estava morto. Em poucos minutos sou confrontado com tudo o que tem a ver com a sua morte: os artigos e entrevistas com a família, os detalhes do funeral, a fala no Senado estadual. Pedacos de uma vida da qual eu não tinha ideia. Só encontro uma foto. Ele aparece como chefe do pelotão, como eu o conheci, em pé, com os seus homens acoorados e armados perto de um muro de tijolos em uma rua cheia de lixo no meio de uma operação para revistar casas em busca de

rebeldes, durante a batalha de Fallujah. Seu rosto largo me é familiar desde o primeiro instante, mas sem o som da sua voz é difícil associar a imagem à sua personalidade tão vivaz, que ficou na minha memória desde aquela noite sufocante e alucinada.

Olho várias vezes para o seu nome na lista da unidade a que ele pertencia, nas datas em que eu visitei a brigada, esperando encontrar um outro Sizemore para tomar o seu lugar na lista dos mortos, sem nem saber bem por que eu me importava com isso. Mas não vejo nada de errado e me importa sim. Não é tanto porque eu tenha conhecido esse homem de uma maneira significativa. Mas o ato de lembrar-me dele e organizar a memória que tenho dele estabelece uma ligação. Palavras atuando sobre outras palavras, sacralizando a guerra, convertendo-a em histórias para o nosso consumo.

Vista de longe, a guerra se define pelos seus fenômenos de maior visibilidade — as mortes, a destruição, as pessoas que abandonam suas casas. Essas são as coisas sólidas, tornadas acessíveis pelos dados estatísticos. Até mesmo o esquálido registro de duas linhas que descreve a morte de Sizemore. Eu consulto essa nota diversas vezes, tentando sopesar a morte desse homem comum com relação à massa gigantesca de perdas da guerra. Mas, assim como as fotos dos combates em Fallujah, as palavras tampouco oferecem uma perspectiva que permita uma compreensão melhor do que acontecia. A nota é escrita em linguagem intencionalmente prosaica, evitando os aspectos pessoais da sua morte: “Garth Sizemore — falecido quando a sua patrulha entrou em contato com fogo inimigo de armas curtas, durante operações de combate em Bagdá”.

Ela representa os aspectos do conflito que podem ser descritos com facilidade em termos de batalhas e linhas de frente; a guerra das informações dadas à imprensa, das declarações oficiais e das notícias de jornal. Mas o conflito tem outra característica

que existe à margem da violência observável. Um espaço interno cheio da eletricidade das palavras e das histórias, contadas e recontadas, que envolvem os fatos capitais das guerras. É essa a camada que dá aos conflitos o seu significado real, profundo e ressonante — vivo, como a voz de Sizemore, em busca de maneiras de descrever as experiências; em relatos imaginativos e inconfiáveis, repletos de evasões, rumores, desculpas e ódios. Mas mesmo essa inconfiabilidade é mais verdadeira, mais autêntica e mais pessoal do que as versões oficiais, lavadas e esterilizadas; mais real e humana em sua imperfeição.

Como observador, sei que não estou livre dessa mesma tendência a remodelar a experiência do conflito, sentado e atento, pronto para aplicar ao meu relato as minhas próprias interpretações e preconceitos. Selecciono e filtro; separo e misturo, à medida que observo, fazendo as minhas próprias alterações, nem sempre sutis. Percebo também que não só é impossível separar-me das histórias que colecionei, mas que também é até mesmo necessário enfocar essas experiências através da minha vivência pessoal para tentar transformá-las em sensações e emoções que têm sentido para mim. Corrompo os dados à medida que os recupero e me transformo em testemunha parcial. O desafio passa a ser o de manter-me o mais honesto possível.

Sei das drogas dos zumbis de Sizemore por um encontro que tive no primeiro ano da guerra do Iraque. Desenrolo o novelo desde esse encontro com Ala e seus amigos, seis meses depois da invasão de 2003, até a conversa com Sizemore. O primeiro encontro ocorreu, durante o período relativamente calmo, anterior à ramificação da insurreição e à implantação das matanças sectárias, com pessoas que levavam uma vida dura pelos jardins de